

REPENSANDO O CÂNONE: GÊNERO E ENSINO DE FILOSOFIA

RETHINKING THE CANON: GENDER AND PHILOSOPHY TEACHING

Thays de Lima Seiffert¹

Resumo:

O presente artigo surge de uma reflexão sobre a necessidade de repensar o cânone filosófico, especialmente no contexto dos estudos de gênero no ensino de filosofia para a formação de professoras e professores. Busca-se uma compreensão mais aprofundada do impacto que o cânone exerce ao perpetuar uma abordagem filosófica tradicional nos cursos de filosofia. Para tal, foram utilizados dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), para analisar o perfil das/os estudantes em relação às questões de gênero no ensino superior. Entende-se, a partir deste estudo, que é fundamental continuar investigando e refletindo sobre gênero e ensino de filosofia, pois os cursos de filosofia ainda parecem perpetuar desigualdades, tanto no corpo docente quanto no discente, bem como nas disciplinas ofertadas às/os estudantes, evidenciando a superficialidade das concepções de gênero e das práticas de formação.

Palavras-chave: Cânone; Ensino de Filosofia; Gênero; Mulheres.

Abstract:

This article arises from a reflection on the need to rethink the philosophical canon, especially in the context of gender studies in the teaching of philosophy for the training of teachers. It seeks a deeper understanding of the impact that the canon has in perpetuating a traditional philosophical approach in philosophy courses. To this end, data from the National Student Performance Exam (ENADE), made available by the Anísio Teixeira National Institute for Educational Studies and Research (INEP), was used to analyze the profile of students in relation to gender issues in higher education. It is understood from this study that it is essential to continue investigating and reflecting on gender and philosophy teaching, since philosophy courses still seem to perpetuate inequalities, both in the teaching staff and the students, as well as in the subjects offered to the students, highlighting the superficiality of gender conceptions and training practices.

Keywords: Canon; Gender; Philosophy Teaching; Woman.

¹ Licenciada em Filosofia e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: thayslimaseiffert@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0624144516525221>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7250-2278>.

Introdução

A razão tem sexo? Perguntariam as filósofas silenciadas. A filosofia tem sexo, podemos nos questionar? Qual é o gênero da Filosofia? [...] (Rosa, 2014, p. 74-75).

O início da reflexão que irei propor, surgiu de uma demanda que buscava satisfazer meus interesses de pesquisa, no entanto, obtive dificuldade em pensar algo que eu mesma não havia escrito ainda², afinal, o que eu poderia dizer de novo que já não estava escrito naquele lugar? E não é sobre um novo que já não tenha sido pensado ou falado, mas com diferentes perspectivas, mas sim sobre algo que eu não havia encontrado ainda. Foi nesse momento que, em minhas leituras, me deparei com o repensar o cânone filosófico, mas mais especificamente aqui, repensá-lo a partir das questões de gênero no ensino de filosofia.

Repensar o cânone filosófico implica em questionar uma história que já foi escrita e pensada por aqueles filósofos que consideramos clássicos e que, em algum momento, acreditávamos ser o essencial. Isso não significa que iremos deixá-los de lado ou substituí-los, mas que atualmente entendemos que não são os únicos a serem ouvidos e/ou os únicos a estarem certos.

Existe um contexto e existem pessoas que foram silenciadas. Em toda a história da humanidade as mulheres foram relegadas a um papel passivo, tratadas apenas como objetos, e na história da filosofia não foi diferente. Em *A questão do cânone* (1995)³, de Zahidé Lupinacci Muzart, percebemos que essa questão é antiga e contínua, em suas próprias palavras: “O resgate de nossas primeiras escritoras deverá mudar a historiografia oficial que só levou em conta o corpus de textos canônicos e, mais importante, deverá mudar nossa própria maneira de encarar nossa própria história” (1995, p. 85-87).

Para além do resgate e da publicação de seus textos, é imprescindível trazer essas mulheres de volta à vida, revitalizando suas obras para os leitores contemporâneos, isso implica em uma análise crítica, contextualização e comparação de seus escritos, tanto entre si quanto em relação aos escritores homens, com o objetivo de reposicioná-las na história (Muzart, 1995, p. 90).

Neste cenário, percebe-se que em mais de dois mil e quinhentos anos, a história da filosofia carregou uma conjuntura em que Judith Butler (2022, p. 8) classifica como uma “dependência radical do sujeito masculino”. Isso significa que, as consequências sócio-históricas e políticas dessa dependência ocasionam as relações de poder sujeitadas pelo masculino, e a partir dele, desempenha as condições do apagamento e invisibilização das mulheres⁴.

Fizeram da filosofia um homem a ponto de se dever enumerar as mulheres que pensam. Atribuindo-lhes uma legitimidade à meia-boca, um cercado vigiado de fora pela lógica pré-determinada de um sexo, uma filosofia própria, de meninas entediadas que não sabem muito bem o que fazer dos livros e das letras e que os carregam como relógios que não funcionam, uma filosofia de mulher, uma filosofia feminina, sempre, então, feminista. Como se nada mais houvesse a ser

² No momento em que escrevo esse artigo, ainda estou na escrita da dissertação de um mestrado em Educação.

³ Nele a autora discorre sobre uma teoria canônica mais específica da área de literatura brasileira, mas que pode ser transposta para se compreender as condições canônicas da filosofia.

⁴ Mulheres essas que não são apenas cisgêneras, brancas e heterossexuais, mas também, mulheres negras, indígenas, transsexuais, travestis, lésbicas, bissexuais etc.

dito por seu corpo díspar, faltoso, lacunar. Como se nada mais houvesse a ser dito, senão a complementaridade de uma ideia masculina. Como se não pensassem, não fossem jamais capazes de pensar sozinhas (Satler, 2016).

A ausência das mulheres não era algo identificado, Condorcet (1997, p. 356) explica que o hábito e a repetição sistemática da injustiça se tornaram invisíveis e, mesmo quando os direitos de alguma parte da humanidade são flagrantes, acabam passando despercebidos. Isso destaca o poder do hábito e da normalização na perpetuação da injustiça, mesmo em face de evidências claras de sua ocorrência. Em muitas sociedades, as normas de gênero influenciam quem detém autoridade, privilégio e controle, isso porque ele é um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 14). Ou seja, o conceito de gênero, as características, papéis e comportamentos atribuídos culturalmente, se tornam um elemento característico na estrutura das relações sociais.

Dessa forma, entendemos que o feminino atribuiu ao homem a necessidade de controlar aquilo que foge do seu idealismo de poder. Mas a partir do século XX, com a influência do feminismo dos anos 1970, que as mulheres começaram a ter uma perspectiva diferente em relação ao discurso filosófico, onde elas passaram a se dedicar a examinar os textos do cânone filosófico e a destacar as afirmações altamente pejorativas sobre as mulheres feitas por filósofos amplamente admirados, como Kant, Hegel, entre outros (Puleo, 2004).

Mulheres foram a preocupação explícita das feministas que começaram a se referir a gênero nos anos 1970. Gênero recusou a ideia de que a anatomia da mulher era o seu destino insistindo, ao contrário, que os papéis alocados para as mulheres eram convenções sociais, não ditames biológicos. [...] Nas primeiras articulações feministas, a noção de gênero como uma construção social teve como objetivo analisar a relação de mulheres e homens em termos de desigualdade e poder. A ideia foi que gênero aplicava-se a todos, que era um sistema de organização social, que não havia ninguém fora disso. Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado (Scott, 2012, p. 333).

Ainda hoje, existe uma grande preocupação em relação às mulheres na filosofia, quando temos estudantes de graduação ou pós-graduação que pensam em estudar a temática de gênero, existe uma recusa por parte do corpo docente, e isso ocorre porque “poucos departamentos de Filosofia no Brasil reconhecem a temática como uma questão filosófica, enquanto em outros países, já temos o tema “As mulheres e a Filosofia”, e/ou “As Relações de Gênero na Filosofia”, como temas consolidados” (Rosa, 2014, p. 36).

Considerando que o desenvolvimento acadêmico filosófico vem a muito tempo se construindo com uma porcentagem maior do exercício masculino – sendo não só professores, mas também, a hegemonia de sujeitos considerados filósofos como sendo a expressão de autores masculinos. Quando as mulheres são mencionadas, frequentemente é por sua relação com os filósofos, como por exemplo, Simone de Beauvoir, conhecida como companheira de Sartre, ou Hannah Arendt, como amante de Heidegger (Oliveira, 2014, p. 3) e assim por diante. Mesmo no ensino de filosofia, aparece um olhar sexista sobre as mulheres que

ocupam este espaço, como sendo 'a professora de didática' e raramente existe uma construção e afirmação da noção dessa profissional como filósofa da educação ou filósofa do ensino.

Assim, neste artigo, proponho questionar o impacto do cânone filosófico nas práticas de formação de professoras e professores de filosofia e como isso afeta o futuro desses profissionais, assim como também suas trajetórias ao longo da carreira, tanto no ensino básico quanto no superior. Pretendo examinar como as perspectivas de gênero são contempladas nesse contexto, destacando o apagamento das mulheres filósofas e suas contribuições para o campo. Além disso, irei analisar a graduação de licenciatura em filosofia e em como ela continua reproduzindo o cânone estabelecido, perpetuando as desigualdades de gênero. Por último, farei uma crítica à situação dos/as professores/as de filosofia, especialmente aqueles que lecionam na licenciatura e não possuem especialização em educação ou ensino de filosofia, evidenciando a banalização das concepções de gênero e das formações interpessoais nesse ambiente.

Reflexos de um cânone filosófico na formação de professoras/es

Diderot demonstra que a mulher é como um homem, ou seja, um ser humano. Voltaire aponta injustiças que sofrem as mulheres. Condorcet as considera iguais aos homens e atribui as diferenças à educação. Stuart Mill, no séc. XIX, se coloca como defensor das mulheres. Nos séculos XX e XXI, de fato, as coisas começaram a mudar. Ora, se a filosofia se pretende universal, então ela não poderia negligenciar sistematicamente ou tratar com desdém e preconceito este tema: a construção de identidade, de gênero, de opção sexual, enfim, o velho dilema cultura versus natureza (Aggio, 2017, p. 16).

A história da filosofia é repleta de discursos consolidados como verdadeiros, onde representam a mulher como inferior ao homem. Seja pela dualidade corpo *versus* alma, onde se é retratado pelos filósofos homens, héteros, brancos e europeus como a separação entre alma e corpo, associando a alma à racionalidade, universalidade e ao masculino, enquanto o corpo físico é relacionado à sensibilidade e ao feminino. Seja pela misoginia predominante como instrumentos de poder mascarada pela diferença biológica.

Se os discursos são historicamente construídos e atribuem significados à realidade, estabelecendo verdades de acordo com os interesses dominantes, torna-se essencial realizar uma investigação genealógica do conceito de gênero. Apesar da etimologia se referir ao "sexo" como órgão genital e relação reprodutiva, o termo não reflete uma característica biológica, sua interpretação varia conforme a pluralidade de culturas e ao longo da história de uma sociedade.

Platão e Aristóteles são frequentemente retratados como figuras paradigmáticas com perspectivas contrastantes sobre as mulheres. Enquanto Platão é visto como um precursor "feminista" *avant la lettre*⁵ ao defender a igualdade entre homens e mulheres nas esferas cívicas e educacionais, Aristóteles baseava sua argumentação na diferenciação biológica entre os sexos e na suposta inferioridade das mulheres no âmbito cognitivo e ético-político (Pinto, 2010, p. 21). As concepções que difundem os pensamentos e discursos desses filósofos são

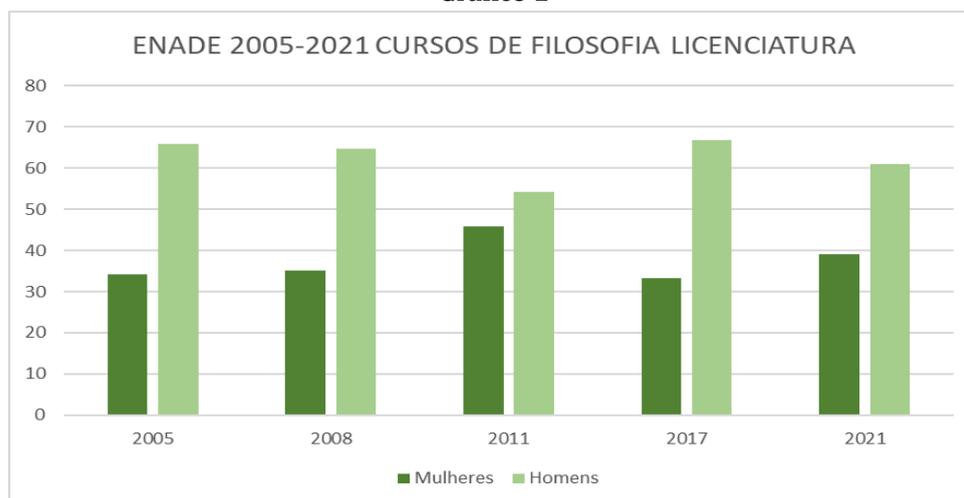
⁵ O termo *avant la lettre* após o uso da palavra feminista em aspas é porque em sua época não existia o termo feminista, então a tradução seria "antes de o termo existir".

notoriamente históricos. Ser ou tornar-se mulher na história da filosofia é cercado por opressão, pela ideia da mulher histórica e frágil.

Essa ausência de mulheres no ensino da Filosofia, de certa maneira, impacta o desdobramento relacionado à igualdade entre homens e mulheres em uma mesma sociedade. Na entrevista feita com alunos/as e ex-alunos/as do curso de Filosofia da UERN fica extremamente clara a situação em que se encontram as filósofas no âmbito das discussões universitárias: deixadas de lado, como se fossem algo desprezível e que não merecesse atenção; sequer para serem citadas. Quando perguntado em qual disciplina teve acesso às mulheres da Filosofia, Sandro Cocco foi enfático: “nenhuma” (Damasceno, 2021, p. 73-74).

Considerando isso, e pensando nos reflexos que esse cânone reproduz, especificamente aqui, nos cursos de licenciatura⁶ em filosofia, busquei pelo perfil das/os estudantes nas 5 provas do ENADE que ocorreram de 2005 até 2021 a partir dos marcadores de gênero⁷, onde encontrei os seguintes percentuais:

Gráfico 1



Fonte: Produção da autora com dados do INEP.

Em seu primeiro ano, 2005, 113 instituições participaram, sendo 76 particulares, 1 municipal, 13 estaduais e 23 federais, com o total de 3.674 estudantes inscritos (1.676 concluintes e 1.999 ingressantes). Em relação ao perfil das/os estudantes 65,9% são homens e 34,1% mulheres. No segundo ano da prova, em 2008, contou com 141 cursos, com o total de 6.031 estudantes inscritos (3.090 ingressantes e 2.941 concluintes) que realizaram a prova. Dos/as ingressantes 61,2% são homens e 38,8% mulheres e dos/as concluintes 64,8% são homens e 35,2% mulheres. No terceiro ano, em 2011, participaram da prova 173 cursos, sendo 103 de instituições privadas e 70 de instituições públicas, dessas, 3.930 estudantes realizaram a prova. Na análise de perfil dos/as estudantes 54,2% são homens e 45,8% mulheres. No quarto ano, em 2017, participaram 142 cursos de

⁶ Vale a pena ressaltar que nos cursos de filosofia bacharelado o índice de homens é ainda maior que nas licenciaturas.

⁷ Todos os dados foram obtidos pelo site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Licenciatura em Filosofia, desses, 75 são de Instituições Públicas. Em relação às características das/os estudantes, percebe-se que 79% da pesquisa em filosofia é feita por homens e somente 21% é feita por mulheres; já em relação as/os alunas/os na licenciatura, 66% são homens e 33,2% são mulheres. O quinto e último (até então) foi em 2021, participaram 137 cursos de licenciatura, desses, 77 são de instituições públicas, correspondendo a 56,2% dos cursos. O total de estudantes que se inscreveram para a prova foi de 5.411, no entanto, apenas 3.672 prestaram a prova. Em relação ao gênero, foi constatado que 60,9% são homens e 39,1% mulheres.

Como é visto acima, existe um padrão de quem faz filosofia, mesmo a licenciatura sendo majoritariamente feminina na maioria dos cursos, na filosofia é diferente. Existe uma necessidade de mudança, considerando as frequentes transições do mundo social, é crucial que os cursos de filosofia se atentem a essas mudanças, ou então correm o risco de se tornar uma relíquia histórica, sem relevância para o presente e para o futuro (Damasceno, 2021, p. 98). Os novos questionamentos não diminuem a importância da história já conhecida, mas destacam a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres filósofas no contexto da filosofia e do ensino dessa disciplina.

Gênero como uma ferramenta conceitual para o ensino nos cursos de licenciatura em filosofia

As mulheres sofreram ao longo da história forte desdém pela tradição filosófica, pois na história da filosofia são tidas como inexistentes pela academia, e por isso, é incomum tê-las como referencial filosófico (Oliveira, 2014, p. 3).

Para promover um corpus não sexista, é crucial abordar as relações de gênero no ambiente didático-pedagógico dos cursos de filosofia. É evidente a exclusão das mulheres nos currículos, o que perpetua o preconceito enraizado, pois suas contribuições não são encontradas nos programas de ensino, nem nos livros didáticos.

Embora seja cada vez mais reconhecido que as relações de gênero são fundamentais no ambiente educacional, tanto no ensino superior quanto no ensino secundário, os currículos continuam a perpetuar o preconceito e a exclusão das contribuições filosóficas femininas. Rosa A. Mechiço (2020, p. 15-16) explica que essas obras não fazem parte dos programas de ensino, dos livros didáticos, das bibliotecas e tampouco das livrarias, o que resulta em um ocultamento sistemático da produção filosófica feminina.

É preciso enfatizar que a prática de ensinar filosofia deve afirmar a validade e a universalização de uma filosofia livre de sexismo. É essencial problematizar o percurso filosófico atual e promover uma abordagem mais inclusiva e humilde, capacitando os estudantes para construir um mundo globalizado, multicultural, democrático e livre. Isso deve ser fundamentado na dialogicidade, no respeito pela diferença, na conscientização e na criticidade (Mechiço, 2020, p. 21-22).

O ensino de filosofia é um potencial formador no ensino médio, mas para que isso ocorra, é necessário pensar o antes, ou seja, na formação dessas/es futuras/os professoras/es. Tânia A. Kuhnen (2017, p. 2-12) entende que o ensino de filosofia proporciona espaço para releitura e ressignificação de experiência para/com o mundo, dessa maneira, inserir as questões de gênero possibilitam um

olhar crítico acerca das narrativas que ‘biologizam’⁸, considerando que o gênero parece ser, de acordo com Charlotte Wittig (2011) em “The Metaphysics of Gender”⁹, uma característica essencial que molda nossa identidade no contexto social, torna-se fundamental examinar os fundamentos filosóficos por trás dessa categoria que desempenha um papel central na definição de quem somos como indivíduos. Ao questionar se ensinar filosofia é ensinar a buscar a verdade e entendermos a verdade como um subproduto da filosofia, seria mais interessante investir numa atividade filosófica que impõe questionar-se permanentemente. Dessa forma, Megue M. de Andrade (2017) percebe que as questões de gênero não são configuradas com um tratamento de problema filosófico, vê-se isso a partir dos “manuais de ensino e material didático, diretrizes curriculares e orientação epistemológica, como também pelas escolhas pessoais por bibliografia, estratégias de ensino e metodologia” (p. 71).

Acerca disso, a filósofa María Luisa Femenías argumenta que a perspectiva de gênero sobre o ensino de filosofia seria útil para o exame da “invisibilização do sexismo”, e para que este seja assumido como um problema filosófico que, historicamente, perpassou tanto outros problemas filosóficos. A filosofia deve ser o exercício permanente de desvelamento de seus próprios pressupostos, assim como dos que construímos continuamente em nosso cotidiano (Andrade, 2017, p. 83).

Assim, quando professoras e professores incorporam uma perspectiva de gênero no ensino de filosofia, é possível manter uma constante subversão das desigualdades, ao estarmos atentos às formas de produção e reprodução dessas desigualdades. As novas práticas filosóficas devem incorporar a perspectiva de gênero, pois isso pode aprimorar as estratégias no ambiente escolar. Além disso, é essencial evitar a ortodoxia, possibilitando uma produção de conhecimento que estimule em vez de inibir o saber.

Para que continuem a pensar: últimas reflexões

A percepção de que a filosofia se compreende como um campo neutro, ou seja, sem gênero, é uma falácia. A tradição oriental enraizou e reforçou a crença de que existem naturezas distintas: o feminino e o masculino, compostos por uma série de estereótipos e padrões construídos a partir de juízos de valor, os quais, são travestidos e ensinados a partir de explicações racionais, mas na verdade, são marcadores sexistas.

Durante o processo de pesquisa e estudo, compreende-se a falta de textos que abordam o gênero e o ensino de filosofia no âmbito de formação de professoras e professores. Desses, o enfoque muitas vezes fica em como tratar de gênero dentro das escolas/salas de aula, bem como leis e diretrizes que regem a educação de nível médio. Ao relacionar essa temática com o processo de formação de professoras/es, o conteúdo encontrado é escasso.

Ao analisar os dados do ENADE, compreende-se a então, canonização, dos cursos de filosofia. Assim, entende-se que as questões de gênero e ensino de filosofia como parte importante para a formação filosófica quando pensamos em um curso que pretende formar professoras/es. “[...] é imprescindível que o

⁸ Termo utilizado pela própria autora.

⁹ Tradução “A metafísica do gênero”.

educador e educadora saibam o que vão fazer em sala de aula, o que pretendem como sujeitos políticos” (Rosa, 2012, p. 54), no entanto, o que é visto, é um movimento de privilégio de algumas temáticas e, infelizmente, não são as de ensino e gênero.

Nesse sentido, pensar práticas docentes e escolares a favor do estudo e da compreensão das relações de gênero se mostram necessárias para que acabe com as concepções errôneas de “ideologias de gênero”, e isso, só será possível com a implementação dos estudos de gênero nos cursos de graduação em Licenciatura, que ampliarão as discussões acerca da cultura vigente (Seiffert, 2023, p. 13).

Refletir sobre essas práticas docentes implica ir além do que as professoras e professores estão habitualmente acostumados, saindo de suas zonas de conforto e desafiando-se por meio de novos conhecimentos, algo não muito comum entre os filósofos. A busca pela “verdadeira natureza filosófica” coloca a própria filosofia como objeto de questionamento, uma vez que, apesar de se autodeclarar “neutra”, ela parece relutante em incorporar saberes que se desviem dessa tradição. Nesse sentido, abordar o ensino e o gênero não seria considerado um campo passível de exploração filosófica.

Diante aos desafios apresentados, acredito que ao resgatar e destacar o trabalho dessas filósofas, seremos capazes de compreender como valorizar e promover o ensino de filosofia e as discussões de gênero, principalmente para contemplar a formação dessas/es futuras/os professoras/es.

Referências

AGGIO, Juliana O. Por que falar do tema mulher na filosofia? *In*: CASTRO, Susana; CORREIA Adriano; SPARANO, Maria Cristina de Távora (Org.). **Psicanálise e Gênero**. São Paulo: ANPOF, 2017.

ANDRADE, Megue M.; GONTIJO, Pedro E. Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia, v. 11, n. 3, 2020.

ANDRIOLI, Liria Ângela. **O corpo e a mulher na história da filosofia**: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Monografia (Graduação em Filosofia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, 2004.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CIRIZA, Alejandra G. Mujeres del sur en filosofía: notas para una lectura crítica del canon filosófico. Universidad Científica del Sur: **Solar**, v.12, n.1, p. 121-140, 2016.

CONDORCET, Jean A. N. C. **Bosquejo de un cuadro histórico de los progresos del espíritu humano y otros textos**. México: Fondo de cultura económica, 1997.

DAMASCENO, Edilson. **Exclusão da mulher no ensino de filosofia**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, 2021.

INEP. Enade 2005: Relatório de Síntese Área de Filosofia. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/download/enade/2005/relatorios/Filosofia.pdf>. Acesso: 30 abr. 2024.

INEP. Enade 2008: Relatório de Síntese Área de Filosofia. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2008/2008_rel_sint_filosofia.pdf. Acesso: 30 abr. 2024.

INEP. Enade 2011: Relatório de Síntese Área de Filosofia. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2011/2011_rel_filosofia.pdf. Acesso: 30 abr. 2024.

INEP. Enade 2017: Relatório de Síntese Área de Filosofia. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Filosofia.pdf. Acesso: 30 abr. 2024.

INEP. Enade 2021: Relatório de Síntese Área de Filosofia. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2021/Enade_2021_Relatorios_Sintese_Area_Filosofia.pdf. Acesso: 30 abr. 2024.

KUHNEN, Tânia Aparecida. Ensino de Filosofia e a constituição da identidade individual: formação, autonomia e gênero. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1026-1044, 2017.

MECHIÇO, Rosa A. A. Ensino de Filosofia face ao preconceito e exclusão da mulher no corpus filosófico. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia, v. 11, n. 3, 2020.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995.

OLIVEIRA, Ana L. B. Ensino de Filosofia: a escola como espaço de (des)construção de gênero. **X ANPED Sul**, Florianópolis, 2014.

PINTO, Maria J. V. O que os filósofos pensam sobre as mulheres: Platão e Aristóteles. In: FERREIRA, Maria L. R. (Org.). **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

PULEO, Alicia H. Filosofia e Gênero: da memória do passado ao projeto do futuro In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia de (Org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 13-34.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **As relações de gênero na filosofia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

ROSA, Graziela Rinaldi da. As Relações de gênero, diversidade e o “segundo sexo” na Filosofia. In: DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando (Org.). **Ensino de Filosofia, Gênero e Diversidade**: Pensando o Ensino de Filosofia na Escola. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2014, p. 73-99.

SATLER, Janyne. Fizeram da Filosofia um Homem: Relatos Circunstanciais do Ser Feminino. **Ensaio Literários**, Blogger, 2016. Disponível em: <https://relatoscircunstanciais.blogspot.com/2016/08/fizeram-da-filosofia-um-homem.html?m=0>. Acesso: 30 abr. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SEIFFERT, Thays de L. Modos de pensar a escola: estudos de gênero e tempo livre para a emancipação dos/as estudantes. **Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFilo**, v. 9, n. 1, 2023.

Recebido em: 03/2024

Aprovado em: 05/2024